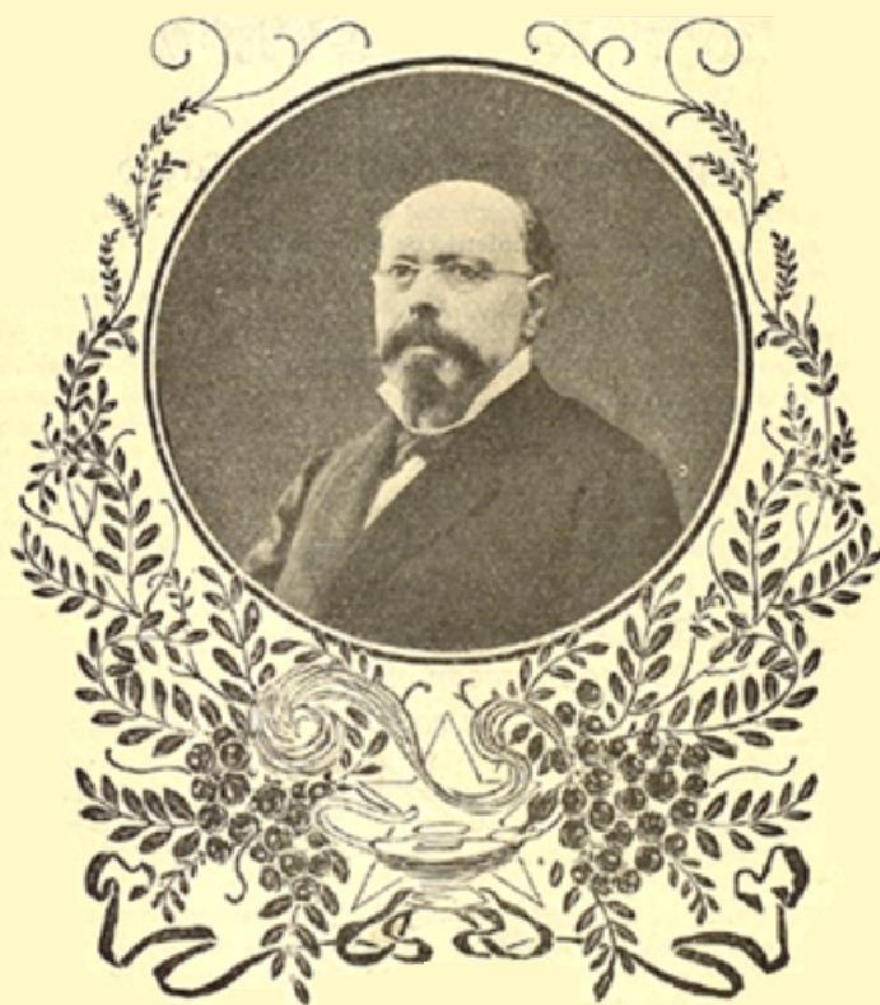


Vizconde de Torres-Solanot

Colavida, o Kardec espanhol



José de F. Fernandes



Autores Espíritos Clássicos



www.luzespirita.org.br

COLAVIDA, O KARDEC ESPANHOL

Vizconde de Torres-Solanot

Original em espanhol:

Recopilación de Artículos de la Revista Espiritista - Periódico de Estudios Psicológicos Diciembre de 1888 por Vizconde de Torres-Solanot

Tradução: Teresa da Espanha

Revisão: Irmãos W. e Ery Lopes

Formatação: Ery Lopes

Versão digitalizada:

© 2019

Produção digital e distribuição gratuita por:

Autores Espírita Clássicos

Portal Luz Espírita



Autores Espírita Clássicos



www.luzespirita.org.br



Os Espíritas da Espanha e América custearam seu mausoléu no Cemitério de Montjuic, Barcelona, colocando, ali, uma significativa lápide de 1,80m de altura por 0,80m de largura, na qual se lê a seguinte inscrição na placa:

Nascer, morrer, voltar a nascer
e progredir sempre
tal é a lei.

Allan Kardec

Nem a existência, nem o trabalho,
nem a dor, concluem onde
começa um sepulcro.

Marietta

Aqui jaz

O envoltório corporal de um homem honrado que em sua última encarnação terrena foi JOSÉ MARÍA FERNÁNDEZ COLAVIDA (1819 - 1888)

O primeiro tradutor e editor das obras de Kardec e fundador da *Revista Espiritista - Periódico de Estudios Psicológicos de Barcelona*, e a cuja memória os Espíritas da Espanha e América dedicam este testemunho de apreço e gratidão.

RUMO A DEUS PELO AMOR E A CIÊNCIA

Imortalidade da alma

Comunicação espiritual

Progresso indefinido

Pluralidade de mundos habitados

Índice

Introdução — **pág. 5**

Notas Biográficas — **pág. 8**

Biografia de Fernández Colavida — **pág. 11**

Fernández Colavida, O Espírita — **pág. 13**

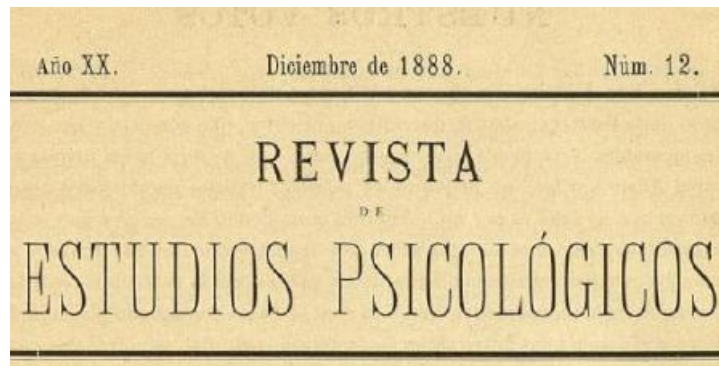
Seus trabalhos no Espiritismo — **pág. 16**

Alguns Detalhes — **pág. 20**

O Sepultamento — **pág. 23**

Diante do Cadáver de Fernández Colavida — **pag. 24**

Introdução



José María Fernández Colavida

Ao amigo e respeitável irmão e sábio conselheiro

O homem não existe mais, mas a verdadeira individualidade, o ser pensante e consciente, o espírito, aquilo que foi desde sua aparição no mundo dos seres inteligentes, o que é e sempre será, existe na vida espiritual, na verdadeira vida, para a qual acaba de renascer aquele que aqui era chamado de José María Fernández Colavida.

Ele nos deixou em seu modo acidental de estar, para ir a um mundo melhor, onde colherá os frutos de seus merecimentos e, sem dúvida, continuará sua obra de abnegação e sacrifícios, mas sem lutar com a pesada matéria e as contradições da existência planetária, desfrutando, em vez disso, da vida expansiva da erraticidade, no modo essencial de ser do espírito. E lá das esferas onde o seu grau de progresso o levou, ele continuará a nos ajudar com sua inspiração e seus conselhos, como quando vivia encarnado no invólucro do corpo, consagrado à obra de regeneração

intelectual e moral da humanidade, que é a obra do Espiritismo.

Feliz ele, que cruzou os limiares do além túmulo, depois de enfrentar suas provas e completar sua missão na etapa percorrida!

Bem-aventurados nós, se soubermos imitá-lo em suas virtudes, e manter e propagar com tão forte entusiasmo e zelo perseverante, a doutrina racional e consoladora!

Doutrina abençoada que dá crenças tão saudáveis e firmes, fazendo desaparecer o fantasma aterrorizante da morte e nos conduz pelo caminho da virtude e da ciência, para nosso aprimoramento e a prática do bem pelo próprio bem!

E como Fernández contribuiu enormemente para a divulgação dessa doutrina na Espanha e nos lugares onde nossa língua é falada, sua memória ficará esculpida eternamente, com a eternidade de obras que jamais são apagadas do livro de nossos destinos, repercutindo sempre em razão de sua bondade e do maior benefício moral que produziram.

Aqueles que por intermédio dele abriram seus olhos para a luz da verdade, aqueles que foram instruídos, aqueles que foram consolados, aqueles que adquiriram a bela fé na doutrina espírita; todos guardarão um carinho afetuoso, uma respeitosa lembrança e uma sem-par gratidão para com aquele que serviu para lhes trazer a luz, o ensino, o conforto, a crença sublime enfim, que vale muito mais do que todos os tesouros deste mundo.

E nós, aqueles que o conhecemos tão de perto, que pudemos apreciar no tratamento íntimo suas qualidades e seus méritos, ocultos para o público em geral por uma grande modéstia que os aumenta consideravelmente; nós, não vendo hoje ao nosso redor o amigo íntimo, irmão respeitável e sábio conselheiro, sentiríamos profunda dor, se antepuséssemos um sentimento egoísta pela separação material de um ser tão querido, à certeza não apenas de que ele desfruta de uma vida melhor, mas que ele está ao nosso lado e em condição de nos dar sua inspiração e seus conselhos, e de poder se comunicar, como já fez, para testemunhar seu estado e afirmar com provas evidentes a realidade da vida após a morte e a verdade da doutrina dos Espíritos que o mestre Allan Kardec compilou.

Doutrina abençoada, repetimos, que tanta segurança e tranquilidade

traz.

É por isso que, ao deixar no túmulo os restos mortais, o envoltório corporal de Fernández, dávamos a ele com serenidade a despedida "Até mais", esperando com tranquilidade o momento de nossa transformação para irmos nos encontrar, na vida livre do espírito, com o espírito dele e dos entes queridos que nos precederam na partida, mas que não nos abandonaram para sempre, nem mesmo para um prazo distante, podendo vir se comunicar conosco e nos dar provas da sua presença, mostrando-a de diferentes maneiras, da simples transmissão do pensamento, traduzida por uma intuição ou uma ideia impensada que não sabemos de onde vem, a audição, a visão, a escrita, até a materialização ou aparição de forma tangível, de acordo com as mediunidades disponíveis ao espírito que se comunica.

Assim, quando um nosso semelhante se transforma ou deixa seu corpo, não dizemos que ele morreu, mas que ele renasceu para a vida do espírito, como fez nosso amadíssimo Fernández no primeiro dia do atual mês de dezembro.

Notas biográficas

“José Maria Fernández Colavida nasceu em 19 de março de 1819 em Tortosa, província de Tarragona. Filho de pais moderadamente abastados, recebeu nos primeiros anos uma instrução das mais esmeradas da época, até que os avatares da política lançaram sua família ao oceano tempestuoso de revoltas deploráveis, causando a eles inúmeros males e infortúnios que nunca mais conseguiram esquecer”.

“Seu pai, o Sr. Pio, secretário do Governo militar e político de Tortosa, com a morte do rei Fernando III veio a sofrer muitas perseguições daqueles que invejavam seu destino, até conseguir que ele fosse demitido e desterrado por várias vezes. Essas perseguições se estenderam a toda a família e particularmente ao nosso biografado, por ser o mais velho dos oito filhos do Sr. Pio; em ocasião em que ele estava no exílio, viu-se por isso obrigado a deixar o lar paterno e sua cidade natal quando tinha apenas 16 anos e ir voluntariamente prestar seus serviços nas fileiras do Pretendente, em 1º de novembro de 1835, ingressando na 6ª Companhia do 1º Batalhão de Tortosa, sob as ordens do comandante Sr. Luis Llagostera; naquele Corpo, pertencente ao exército de Aragão, Valência e Múrcia, realizou toda a campanha, denominada dos sete anos, participando dos episódios principais, até cair prisioneiro em Morella após a defesa heroica feita por aquela praça e seu castelo, o último baluarte do carlismo. Nosso biografado, com o grau de tenente-coronel, foi transportado para Cádiz com os outros prisioneiros de guerra, tendo recebido, durante a viagem, a notícia do fuzilamento de seu pai em 15 de julho, vilmente traído por um dissidente passado para o campo oposto, que revelou a casa da fazenda onde ele e sua família estavam

escondidos, acabando assim por sacrificar sua vida por uma causa pela qual ele já havia sacrificado seus parentes e toda sua fortuna”.

“Esses distúrbios sem dúvida influenciaram o espírito de Fernández, para que ele mais tarde fizesse muito mais pela paz do que tinha feito antes pela guerra”.

“Terminada essa luta fratricida, Fernández alcançou a liberdade em 25 de setembro de 1841, chegando a Tortosa em 10 de outubro do mesmo ano, partindo depois para Barcelona, onde carecendo de recursos para tudo, conseguiu no entanto terminar a carreira do notário, com as penúrias e privações consequentes. No entanto, ele não exerceu sua profissão, já que tendo passado todo o tempo de seus estudos nos escritórios de uma credenciada Habilitação de classes passivas naquela capital, permaneceu, em união de outro colega, como encarregado desse escritório à morte de seu diretor”.

“Sua iniciação no estudo do Espiritismo ocorreu em uma viagem a Madri, e se ele cumpriu bem sua missão neste ponto ou não, deverá dizê-lo toda essa infinidade de seguidores que o Espiritismo tem, que consideram Fernández como seu mestre e que até o momento de sua morte o tiveram como o conselheiro mais autorizado”.

“Fernández, que sempre se distinguiu pelo afã insaciável de ajudar e proteger os desamparados e que nunca se cansou em se tratando de praticar a caridade, foi um dos fundadores mais entusiastas da Sociedade “Amigos dos Pobres”, exercendo nela o honroso cargo de presidente que lhe rendeu não poucos desgostos e preocupações, precisando usar toda sua força de caráter em defesa dos interesses da referida Sociedade, a cuja promoção ele se dedicava. Assim, sua gestão administrativa era muito brilhante e as bênçãos e louvores dos infelizes o acompanhavam por toda parte”.

“Quando a última guerra carlista, com todo o seu cortejo de horrores, estava no mais alto grau de apogeu, surgiu a ideia de dar fim a tão fratricida luta, que transformava o solo pátrio em teatro de dramas sangrentos e horripilantes. Não diremos que Fernández foi quem tentou isso primeiro, mas sim consta que foi ele quem mais influenciou diretamente seu antigo chefe Sr. Ramón Cabrera, para que publicasse seu famoso manifesto, em cuja redação muitos supõem que ele interveio e que foi a aurora mensageira da

paz entre irmãos. Será que nosso malogrado amigo, nesta ocasião, teria atuado influenciado pela dolorosa lembrança de sua campanha na guerra de sete anos? Não há dúvida disso, se levarmos em conta a agitação febril de Fernández em favor da paz. Por si só, milhares de proclamações foram impressas, na maior parte das vezes, dirigidas aos carlistas em armas e que chegavam a eles por meios engenhosos e à custa de imensos sacrifícios; mas ele teve a sorte de ter sua empreitada coroada com o sucesso mais feliz e, quando quiseram recompensar seus serviços com o pagamento de uma parte dos enormes desembolsos que ele fez, ele recusou tudo, até mesmo a aposentadoria como coronel oferecida por pessoas elevadas, ao ser proclamada a paz, sempre afirmando que tudo o que ele fez na época não era suficiente para saldar a dívida contraída na campanha da sua juventude; lembrando que Fernández não possuía nada além do pequeno salário que seu trabalho diário proporcionava”.

Até aqui as notas biográficas que nos foram fornecidas, mas sem incluir as características notáveis do desprendimento e as obras de caridade realizadas por ele. Como ele nunca fez ostentação, muitos desses atos eram ignorados e outros foram conhecidos por acaso, porque sempre procurou seguir o preceito evangélico de que a mão esquerda não soubesse o que a mão direita fazia; e não ofenderemos hoje sua modéstia inata tornando públicos esses atos de caridade, tanto mais meritórios quanto menos ostentados.

Baste dizermos que Fernández procurou conformar suas obras com os ensinamentos do Espiritismo, ou seja, ele sempre buscou ser um espírita prático, pregando a doutrina e realizando-a ao fazer o bem pelo bem em si.

Sirva-nos de exemplo constante para sempre tê-lo como norma de conduta, sofrendo com resignação as contrariedades da vida planetária, buscando aliviar o infortúnio alheio e tendo como foco o progresso dos outros, pois contribuindo para isso com as boas obras, nós esculpimos nossa própria evolução.

Biografia de Fernández Colavida

Foi uma série ininterrupta de contratemplos e infortúnios, de abnegação e sacrifícios pelos outros e pela ideia espírita a partir de que ele a abraçara, sendo um de seus primeiros apóstolos na Espanha.

Como dissemos, seu pai foi fuzilado como resultado de discórdias políticas e sua mãe também teve uma morte violenta, devido à imprudência de um caçador.

Sua família e suas finanças foram grandemente diminuídas pelas vicissitudes da guerra civil e, tudo aquilo que com o fruto de seu trabalho honesto e assíduo ele tinha adquirido, foi consumido também para remediar infortúnios, pois seu bolso estava sempre aberto aos necessitados e dedicava todos os seus recursos à propaganda espírita.

Nesta área, ninguém dentre nós pode disputar a ele a primazia; ninguém conseguiu chegar até onde ele chegou; todos reconhecem isso; e contam que o caráter distintivo de Fernández era a verdadeira modéstia, aquela que não quer alardes, e a aversão a aparecer e a evidenciar seus méritos. Reconhecendo-os o Congresso Espírita reunido em Barcelona, de cujas sessões já era para ele impossível participar, ele foi aclamado com entusiasmo por seu Presidente honorário, chegando assim a ocupar a posição mais proeminente até agora no Espiritismo. Justo prêmio ao mérito indiscutível.

A vida de nosso amigo, abundante em eventos infelizes e purificada no crisol do infortúnio, tem duas fases completamente diferentes. Na primeira

coube-lhe em sorte defender com a espada na mão, as ideias retrógradas que na época ele professava, acreditando de boa fé que aqueles ideais, mantidos naquele tempo por um bom número de espanhóis, deveriam lavrar a felicidade de nossa pátria. No entanto, mesmo considerando seu modo de pensar na época, sua consciência se revoltava contra o dogma católico absolutista, o abusivo ritualismo e a intransigência extemporânea daquela escola, concebendo a criação de um jornal conciliatório que expressasse os sentimentos e aspirações que germinavam em sua alma, aspirações que veio satisfazer plenamente a doutrina espírita, que ele conheceu por volta de 1858.

Esse conhecimento marca o início da segunda fase da vida de Fernández.

Satisfeitas suas dúvidas e satisfeita sua consciência, em seu afã de praticar o bem, ele queria que outros participassem nas ideias que o haviam influenciado com tanta força, a ponto de forçá-lo a verificar uma mudança radical na maneira de apreciar o grande problema filosófico-religioso. Aconselhado pelos espíritos, iniciou a tradução e publicação das obras fundamentais do Espiritismo, e os compêndios até então trazidos por Allan Kardec, com quem ele começou a se relacionar e manteve correspondência.

Fernández Colavida, O Espírita

Ele não se contentou em fazer essas publicações, mas fundou o primeiro Centro de Estudos Espíritas em Barcelona, do qual temos notícia, e a *Sociedade Barcelonesa Propagadora do Espiritismo*, que com esse ou outro título ele sustentou enquanto viveu, assim como a ***Revista Espírita***, *jornal de estudos psicológicos*, cuja primeira edição surgiu em maio de 1869, que assim expressava seus propósitos:

É nosso ardente desejo ao publicarmos esta revista, contribuir, como já fizeram Madri e Sevilha, com publicações da mesma natureza, para que a nação espanhola não fique para trás no movimento regenerador que está sendo operado em todo o mundo e principalmente na Europa e nas Américas ilustradas. Para esse fim, encorajamos vivamente e especialmente a se ocuparem dos estudos, objeto desta Revista, todos os aflitos que precisam de consolo, os homens de boa vontade e não satisfeitos, e os homens de ciência que, sem ideias preconcebidas, desejarem a investigação da verdade e quiserem elevar seu espírito para outras regiões, onde uma atmosfera serena e vivificante possa ser respirada.

Estude-se o Espiritismo, pratique-se com consciência e sem ideias preconcebidas, nunca esquecendo a razão e então, quando vier o amanhecer, haverá momentos em que se sentirão deslumbrados.

A revista, em seu nº 1, também inseria uma sentida carta dirigida pelos espíritas de Barcelona aos irmãos de todos os países, convidando-os a fortalecer os laços fraternos e oferecendo-lhes as colunas do jornal como sempre prontas para receber artigos, comunicações e todas as notícias que eles tivessem, tendentes à instrução e ao estudo da infinita ciência do

Espiritismo:

“Nosso norte” — acrescentava a carta mencionada — “é a Caridade, por isso não cabe suspeitar que somos guiados por interesses mesquinhos: trabalhamos apenas com a ideia de propagar para fortalecer os espíritos abatidos e trazer alívio aos necessitados; a isso fica reduzida toda a nossa missão, fácil se com a ajuda de vocês, mas difícil para nós sozinhos. Há mais de dez anos, empreendemos essa dolorosa tarefa em nosso solo, mas tropeçamos em obstáculos oficiais e isso nos privou de ampliar o círculo de nossas relações, como fizeram os irmãos de países mais tolerantes”.

No final do primeiro ano de publicação da Revista, ele escreveu o seguinte:

Pouco dados, por reflexão, a alimentar as esperanças, devemos no entanto confessar que os resultados já obtidos respondem pelos que hão de vir no futuro. Nossos assinantes aumentam diariamente, a existência da Revista vai sendo consolidada. No tocante a isso, somos devedores, em primeiro lugar e acima de tudo, aos nossos guias espirituais, que solícitos, suprem nossa ignorância com sua experiência, e depois aos nossos bons irmãos, os espíritas, que retribuem amplamente nossos esforços. Nada devemos suplicar aos primeiros, de quem esperamos tudo, se perseverarmos no cumprimento do dever.

Aos segundos, pedimos emprestada sua cooperação frutífera. Que juntem suas forças com as nossas, fracas por si sós; sacrifiquem-se um tanto, como nós fazemos, e, assim, dando maior impulso à propaganda espírita, eles prestarão um serviço significativo à humanidade.

Como a Revista, a Sociedade Barcelonesa Propagadora da Espiritismo está satisfeita com os resultados obtidos. Em menos de oito meses, e superando não poucos obstáculos, ela publicou o importantíssimo livro de Allan Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, e o notável trabalho de Stecki, *Espiritismo na Bíblia*.

Foi assim que o jornal e a Sociedade continuaram em proporção crescente, dos quais Fernández era a alma, e a cujos importantíssimos trabalhos a propaganda do Espiritismo deve tanto.

Esta Sociedade publicara até 1875 as obras e compêndios fundamentais de Allan Kardec, e *Verdadeira doutrina espírita*, *Harmonia da Fé e da Razão*, *Espiritismo na Bíblia*, *Harmonia universal*, duas edições da *Coleção de orações*, *Melodia pelo espírito de Isern*, *Celeste* e *Ensaio de um quadro sinóptico da unidade religiosa*, tendo na imprensa o romance espírita *Leila*.

Isso mostra a atividade e o grande afã de Fernández pela propaganda.

Seus trabalhos no Espiritismo

Por trinta anos, isto é, de 1858 até poucas horas antes do seu desencarne, ele se dedicou assiduamente ao estudo e propagação do Espiritismo.

O estudo profundo dos livros de Allan Kardec e da *Revista Espírita*, onde se torna melhor conhecido o trabalho do mestre, bem como de todas as publicações espíritas mais importantes, juntamente com a observação cuidadosa da parte experimental e do conhecimento que ele adquiriu diretamente dos espíritos nas sessões dos Centros que fundou e dirigiu, do primitivo dele, a que nos referimos anteriormente, até o grupo intitulado *La Paz*, o último que ele criou: esses estudos lhe deram um cabedal tão grande de ciência espírita, que o tornou consultor até dos irmãos mais experientes. Todos aqueles que o conhecíamos, sempre recorriamos a ele, sabendo que suas indicações, avisos, conselhos quando solicitados e sua opinião sensata, deviam satisfazer ou trazer luz a quem perguntava.

Se fosse possível reunir a numerosíssima e extensa correspondência espírita que Fernández manteve constantemente, seriam formados grossos volumes que dariam uma obra de ensino muito notável.

Podemos atestar isso com a nossa correspondência particular, mantida por espaço de cerca de vinte anos, com aquele que chamamos com justiça de amigo íntimo, irmão respeitável e sábio conselheiro. Nada de certa importância temos empreendido dentro do Espiritismo, que não fosse antes consultado com aquele a quem tantos recorriam para o mesmo propósito. Somente a ignorância pôde às vezes desconsiderar suas advertências leais, sempre atentas ao sucesso da causa do Espiritismo. E não apenas nesse

campo, mas todas as vezes que procuramos o amigo, fomos encontrar evidências muito gratificantes de seu amor, fraterno e paterno ao mesmo tempo.

Sabemos que são muitos aqueles que podem falar nesse mesmo sentido, e isso fica bem atestado pela correspondência que ao assumir os assuntos espíritas de Fernández foi preciso revisar. Se algum infeliz o julgasse de outra forma, é que não o conheceu, ou alimenta, infelizmente para ele, sentimentos abertamente opostos ao ensino espírita. Sintamos pena desses seres, se existirem, e oremos por eles para que abram os olhos para a luz e saibam como entender e praticar o ensino que o bom Fernández propagou com incansável afã, com a pregação e o exemplo.

Depois da correspondência espiritual, que é sem dúvida a mais destacada de suas obras, é preciso notar seus estudos magnetológicos, sempre subordinados à teoria que ele proclama e aos fins propostos pelo Espiritismo.

Fernández era um ótimo magnetizador, desenvolveu uma infinidade de sonâmbulos, às vezes tendo vários ao mesmo tempo em exercícios ou em experiências. Talvez por causa de seu amor excessivo pela ciência, ele abusou insensivelmente de suas poderosas faculdades, desperdiçando energias vitais cuja falha se refletiu em sua última doença. No entanto, ele fez experiências notáveis e obteve resultados prodigiosos em sonambulismo lúcido e em suas aplicações ao Espiritismo experimental.

Não podemos deixar de lembrar, a esse propósito, as verificações extraordinárias que Fernández inventou para garantir a realidade e a autenticidade dos notáveis fenômenos espirituais que aconteciam no Grupo Marietta, fundado e dirigido por nós em Madri. O bom amigo e irmão nos deu conselhos e, acima de tudo, incentivo para continuar aquele trabalho de tão ótimo fruto para nossos estudos experimentais, e que nos permitiu obter resultados maravilhosos uma vez colocado em relação fluídica o nosso Grupo de Madri com aquele que Fernández dirigia em Barcelona.

Tanto nessas experiências quanto naquelas que durante muito tempo ele efetuou, fez um ótimo serviço sua esposa idolatrada D^a Ana Campos, com quem ele esteve unido por dezesseis anos e que voltou à vida espiritual em 5 de maio de 1882. A partir dessa data começou a decadência física de

Fernández, só conseguindo manter a energia moral, que nunca o deixou, graças às suas convicções espíritas.

Anita, que assim era chamada por nós a lúcida sonâmbula que também possuía várias faculdades mediúnicas, foi excelente assistente de Fernández em seus estudos experimentais e em seu trabalho de propaganda.

Ela nos fez testemunhar o raro fenômeno da incorporeidade, apresentando-se seu desdobramento ou seja, seu perispírito com todas as aparências do envoltório corporal, em uma das sessões realizadas pelo grupo *Marietta* em Madri, enquanto Anita, em sonambulismo, estava em Barcelona.

Fernández tinha um projeto que não conseguiria finalmente realizar: a publicação de seus estudos magnetológicos, que sem dúvida teriam sido muito instrutivos e de grande interesse. Também precisou ficar apenas em projeto a publicação de um Manual ou Compêndio da doutrina espírita, sobre a qual conversamos várias vezes e que talvez poderíamos ter feito em colaboração.

Não desconfiamos, no entanto, de que este livro necessário possa chegar um dia a ver a luz.

Ingente tarefa seria revisar o quanto o incansável trabalhador do progresso fez a favor da propaganda espírita, depois de traduzir as obras de Allan Kardec, editá-las várias vezes por conta própria e espalhá-las pela Espanha e pela América.

Referindo-se apenas às suas publicações, além das indicadas acima, ele editou *Leila*, ou *Provas de um Espírito*, e parte 2; *Catecismo Espírita*, do Sr. Turck; *Aulas de espiritismo para crianças*; *O Espiritismo é a Moral*; *Trevas e Luz*, de Navarro Murillo; *Contra as touradas*, do mesmo; a *Romanza ouvida e executada ao piano pelas médiuns sonâmbulas Senhoritas Avelina Colom e Pilar Rafecas Cassy, inspiradas pelo espírito protetor do grupo La Paz*; e ultimamente a interessante obra de Gabriel Delanne *O Espiritismo diante da Ciência*, traduzida do francês por Juan Juste.

Somente a energia e a abnegação daquele propagandista e sua determinação poderiam realizar tantas publicações em nosso país onde a maioria não sabe ler, onde há tão pouca inclinação a comprar livros, e além

do mais, onde cada exemplar servia para passar por várias mãos, reduzindo assim a já escassa venda.

Apesar disso e das grandes perdas sofridas, Fernández acalentava o propósito de fazer novas publicações espíritas, cujos manuscritos estavam em sua posse.

Nos últimos dias de sua existência planetária e quando sua doença o permitia, conversávamos um pouco sobre esses e outros projetos de propaganda espírita; naqueles momentos ele esquecia completamente suas dores físicas e que a matéria se aproximava ao fim. Pelo bem-estar que essas conversas produziam, às vezes era tão completo aquele esquecimento, que fazia planos como se seu exílio aqui fosse durar mais algum tempo; mas quando voltava à realidade, aí já descartava sua personalidade dos planos para o futuro, e estava preocupado apenas com a ideia de haver continuadores de seu trabalho de propaganda; e, acima de tudo, de sua amada Revista, que ele tencionava passar a partir do próximo ano para outras mãos, já fosse para os Centros de Barcelona reunidos, para uma Associação de espíritas, ou para algum irmão, de toda a sua confiança, que pudesse preservar o prestígio da publicação em que as obras espíritas de Fernández eram sintetizadas.

O dever de todos nós é conseguir realizar o melhor julgamento desses pensamentos para continuar o trabalho de propaganda, apoiado com tanta firmeza e sucesso por esta publicação.

Alguns detalhes

Apressadamente e, à medida que as ideias surgem em nossa mente, vamos passando-as ao papel para escrever este artigo, no qual nossos leitores não devem ver mais do que o testemunho de gratidão e a carinhosa lembrança para irmão mais querido a quem hoje choraríamos, se não soubéssemos com certeza que ele está melhor que ontem e que seu espírito está ao nosso lado.

É por isso que não expressamos um sentimento de mentida tristeza. Fica isso para os egoístas e para aqueles que não estão totalmente convencidos das verdades proclamadas pelo Espiritismo a respeito da realidade da vida de além túmulo.

Não é, portanto, um transbordamento de dor por ter perdido o amigo mais íntimo; nem é muito menos um hipócrita louvor póstumo; é uma dívida de reconhecimento e transcrição da verdade e da justiça, aquilo que nossa pena escreve fielmente e sem galas retóricas, o reflexo exato de sentimentos puros que brotam do coração e de ideias saturadas de gosto espírita, que é o gosto da verdade.

Quando nos últimos momentos de Fernández e depois de passar algumas horas ao lado do leito que a família rodeava, tão solícita no atendimento ao doente, eu apertava sua mão, sentindo as batidas que delatavam a fuga da vida material, não pressentia a Parca cortando o fio de uma existência, mas o renascimento de um ser para a vida verdadeira; e contemplava com arroubo e misteriosa alegria interior, como aquele que aparentemente nos abandonava ia penetrando no mundo dos espíritos, com quem conversava talvez desde que perdera sua fala para nós, como havia

feito antes, dirigindo-se ao mesmo tempo às pessoas ao seu redor e a outros seres invisíveis para nós.

Como é doce, dizia eu então para mi mesmo, a morte para o espírita! Que contraste com o cerimonial ostentoso e sinistro das religiões caducas! Como um conceito exato, como o dado pelo Espiritismo, faz variarem os pensamentos nesse transe, de onde viemos e para onde estamos indo! Sim; nascer é morrer, e morrer é renascer.

Com essa ideia, Fernández expirou, tendo a alegria de que todos aqueles que estavam ao seu lado pensavam da mesma maneira.

É tudo o que ele podia apetecer e tudo quanto apetecemos para nós mesmos.

E observe-se outro detalhe digno de atenção. Aquele corpo inerte, encurvado pela doença, e aquele rosto com a marca da dor impressa pelo sofrimento físico, foram se transfigurando às nossas vistas, e de tal maneira, depois de abandonados pela vida, que em poucas horas o corpo não representava Fernández nos últimos anos mas na plenitude da vida, simulando descansar no leito com um sono tranquilo. Esse aspecto do corpo jacente era, com certeza, um reflexo exato da tranquilidade e alegria que o espírito desfrutava, livre das correntes de sua prisão planetária; e com a lucidez de quem não sofre perturbação ao verificar a passagem, percebendo imediatamente seu estado, para o qual servem ao mesmo tempo o conhecimento das leis do mundo espiritual, que nos dá o Espiritismo, e o grau de avanço que, em virtude de suas boas obras, conquistou o ser desencarnado. Ambas as condições reunia Fernández, e, portanto, é explicado que seu espírito pudesse se comunicar conosco momentos depois de ter passado para a vida de erraticidade, uma vez que ele cumprira, como os bons, sua missão na Terra.

O merecido galardão ele começou a desfrutá-lo já aqui, experimentando em seus últimos dias a imensa satisfação de ter visto a Exposição Universal de Barcelona se erguer sobre os mesmos terrenos onde as obras espíritas foram queimadas pela mão do carrasco, e a celebração do Congresso que o honrou com a presidência honorária, evidências claras de que está brotando, com vigor e frescura notáveis, a semente espírita que ele espalhou editando aquelas obras, através de seus trabalhos e, especialmente, de sua Revista.

Essa foi a principal preocupação de sua vida, cuidando tudo mesmo nos mínimos detalhes e com amor de pai até o derradeiro momento. Coube-nos fazer os números de outubro e novembro, mas ele revisou os originais e ainda corrigiu as provas do último número, e verificou as faixas, deixando pronto o original do número de dezembro.

Tais detalhes são a melhor apologia do laborioso propagandista, do qual podemos dizer, como Allan Kardec: "Ele morreu como viveu: trabalhando".

Como Kardec, Fernández era incisivo, conciso, profundo, sabia como agradar e se fazer entender em uma linguagem ao mesmo tempo simples e elevada, tão distante do estilo vulgar, quanto da escuridão da metafísica. E da mesma maneira que o mestre, ele colocou a serviço da causa espírita zelo e perseverança, vigílias e trabalhos, e fé inabalável na qual viveu e morreu.

Lembrando esses detalhes, escrevendo sobre a mesa de escritório de Fernández, de cujos assuntos espíritas nos vimos impensadamente encarregados, pedimos a ele inspiração para seguir nossa obra de propaganda, como a dele, e realizar os projetos que ele acariciava e os pensamentos que ele nos indicou, de transcendência para o Espiritismo na Espanha.

Confiemos também, mais do que em nossas próprias forças e recursos, na ajuda dos bons espíritos e na cooperação de nossos irmãos de crença. A obra é grande, mas com a boa vontade e a colaboração de todos, pode ser realizada.

"Esperar e confiar", como disse o elevado espírito de Marietta.

O sepultamento

No dia 2 à tarde, representações de todos os centros espíritas de Barcelona e de outros das proximidades, e amigos e correligionários de Fernández, reuniram-se na casa mortuária para acompanhar seu corpo ao Cemitério civil.

Colocado no caixão e rodeado pelas coroas que a família e os amigos lhe haviam dedicado, tirou-se uma fotografia que é uma prova clara da transfiguração operada naqueles restos, que representavam Fernández rejuvenescido e apagadas as impressões deixadas em seu rosto pela doença longa e dolorosa.

Logo depois, saiu a procissão que acompanhava o carro mortuário a pé, da rua Consejo de Ciento até o ponto chamado Puerta de la Paz. Oito amigos e correligionários do falecido carregavam as fitas do caixão, presidindo o duelo três sobrinhos do falecido, e nós.

Chegando ao lindo cemitério novo, o corpo foi levado ao Departamento Civil, afincado ali; depositada e aberta a caixa em frente ao nicho, foi rodeada por todos aqueles que tínhamos chegado em carros da Puerta de la Paz. Na proeminência que o solo da acidentada e pitoresca Necrópole do Oeste forma no lugar da inumação, fomos nos colocando aqueles que deveriam dar a Fernández o adeus de despedida temporária e, no meio de um silêncio religioso, a poetisa inspirada, fervorosa e incansável propagandista do Espiritismo e diretora de *La Luz del Porvenir*, Senhorita Amalia Domingo y Soler, leu com voz clara e sentida a seguinte composição de sua autoria:

Diante do cadáver de Fernández Colavida

Perdeu a escola dos espíritas
um dos seus mais firmes campeões;
Feliz de quem com coragem conquista
a fé de suas profundas convicções!
Feliz de quem dedica uma existência
a defender seu credo sacrossanto,
e busca nos arcanos da ciência
o meio de enxugar mares de pranto!

Feliz de quem proclama com anseio
da verdade sublime o ensinamento
e àqueles que soluçam abre um céu
e ao naufrago um porto de bonança!
Isto, o Fernández fez; convencido
de que a verdade suprema possuía,
com um trabalho nunca interrompido
nem em suas últimas horas de agonia
deixou de difundir os resplendores
do astro que sua mente iluminava;
matizando com brilhantes cores
o que seu nobre anseio pronunciava.

Foi o Kardec espanhol; à sua memória
devemos erigir um monumento;

que bem merece perpetuar sua glória
quem possuiu tão claro entendimento.
Quem soube lutar com heroísmo
mesmo vendo seus livros na fogueira;
apóstolo do moderno Espiritismo!
Da fé raciocinada clara luzeira!

Durma seu corpo, não em humilde fossa,
(que mármore merece seus despojos).
Para quem teve vida tão honrosa
e por seu ideal sofreu tantos desgostos,
devemos erigir à sua memória
gigante monumento de granito!
Para seu nome a terrena glória!
Para sua alma... a luz do infinito!

O Túmulo de José M^a Fernández Colavida no cemitério de Montjuïc (Barcelona).

Após um longo abandono, há alguns anos, foi restaurado por iniciativa de um grupo de companheiros espíritas catalães.

O secretário do *Centro Barcelonês de Estudos Psicológicos*, Sr. Modesto Casanovas, proferiu o seguinte discurso:

Irmãos: um dever sagrado nos une hoje neste lugar de solidão, e é o tributo que rendemos ao nosso professor de filosofia Sr. José Maria Fernández. Ele, o homem íntegro, o homem honesto, desapareceu da terra dos vivos e isso aconteceu justamente nos momentos em que os espíritas sentiam mais necessidade de seus sábios conselhos.

Vamos admirar quem na vida soube ser um espelho fiel da honestidade, trabalhador diligente, propagandista incansável e verdadeiro filantropo.

Fernández era uma consciência reta; nele as pompas da Terra não causaram nenhum estrago, e tanto em um estado quanto em outro, ele só rendeu culto à razão e à justiça, jamais retrocedendo em nada e se apresentando ao mundo

despido de qualquer hipocrisia. Trabalhador laborioso, entendendo que a lei da vida é o trabalho, obedeceu fielmente aos preceitos dessa lei, de modo que quando a falta de saúde o impossibilitava de desfraldar sua enérgica atividade, ele ainda continuava a propaganda do Espiritismo através de sua *Revista*.

Em relação a essa questão da propaganda, Fernández é uma página honrosa na história de nossos ideais, porque, embora observemos em seu antecessor Kardec um valor e abnegação a toda prova, não devemos considerar como menos aquele que foi o primeiro a introduzir e publicar as obras de Kardec na nossa Espanha e, ainda sendo vítima de perseguições tirânicas, sem se arredar, edita-as quantas vezes é necessário, espalhando-as por toda parte, e também publica todas aquelas que caem em suas mãos, semeando assim a semente que um dia deve formar a família espírita. Porém ele não está satisfeito com apenas isso, mas reunindo ao seu redor outros companheiros, deixa evidente, por meio de experimentos práticos, a lei dos fluidos, trazendo com isso a convicção para várias pessoas com quem ele formou sociedades espíritas.

Contudo, nossa imperfeição nos leva à ingratidão e ele vê uma, duas e até três vezes inutilizado o fruto de seus afãs; mas como seu propósito era trabalhar pela humanidade, ele não se arreda e, com fé inabalável, retoma suas tarefas, demonstrando com isso que a luta, para o apóstolo, não significa outra coisa além de um motivo de tolerância, que é o que ele nos demonstrou.

E se às vezes o vimos rigoroso e severo em suas apreciações, isso deveria elevá-lo mais ainda diante do mundo inteiro, porque as mães nos mostraram que sendo elas o emblema do amor, vivem zelosas pelo enaltecimento de seus filhos, e assim era Fernández em questões de Espiritismo.

Como filantropo, tudo o que eu possa lhes contar ficará pálido, uma vez que a demonstração dos fatos é irrefutável, e Fernández sacrificou tudo quanto possuía pelo bem da humanidade, pois morreu pobre.

Espíritas: temos um dever sagrado a cumprir. A inteligência de Fernández era muito superior à nossa; sua abnegação beirava o heroísmo, já que trabalhou para todos, proporcionando-nos com seu estudo muitas horas de tranquilidade. Agora, a recompensa que devemos a ele é trabalhar todos, unidos em apertado feixe, para ser seus continuadores na propaganda de nossa sublime doutrina, para que seus trabalhos não fiquem infrutíferos.

Mesmo quando dizemos que ele morreu, ele não morreu; pois ele nos ensinou que o espírito existe e persiste na eternidade, e mesmo quando sentimos o vazio deixado entre nós por sua ausência, devemos confiar na ajuda espiritual com a qual passará a nos fortalecer. Se após os eventos que acabaram de ocorrer, todos os ressentimentos devem cessar, devemos esquecer nosso amor próprio

para perseguir o objetivo comum, se quisermos ser dignos discípulos de tão esclarecido mestre.

E se, como disse nossa irmã Amalia, devemos erigir aqui neste mesmo lugar um panteão em memória do Kardec espanhol, digo-vos que isso é pouco, porque deveríamos erigir um monumento na praça pública, pois quem possuiu as virtudes do nosso mestre, deve sempre estar à vista das pessoas, para lembrete do que o ser deve a si mesmo e aos semelhantes.

E você, Fernández, que, do lugar de sua morada nos contempla, infunda em nós coragem e fé para que possamos continuar a obra perseguida por você com tanta determinação; faça-nos participantes das virtudes que você legou à sua família; não nos abandone, trabalhe para nos unir; ensine-nos que a foice fatal que o separou de nós deve ser o estímulo que nos leva a empreender uma carreira em direção à prática do bem, enquanto você recebe a lágrima de gratidão da qual se tornou credor, que simula ser digna coroa do filantropo.

Viva com a confiança de que nos demonstrando que a morte não existe, você o fez com conhecimento de causa, porque sua memória nunca será apagada de nós, sendo este um motivo a mais para pensar que unicamente na união que você nos indicou, podemos encontrar o caminho seguro para trabalharmos juntos na perseguição e abordagem do ideal espírita.

Os homens são conhecidos quando desapareceram da terra, e agora que não existe mais motivo para ciúmes em relação a você, será quando os homens lhe farão justiça.

Quanto a nós, e depois de perguntar se algum outro irmão queria usar a palavra, lemos as seguintes linhas:

Vimos cumprir um ato humanitário e render homenagem ao mérito, que, não por ser modesto, deixa de brilhar ali onde os merecimentos são aquilatados com exatidão; e viemos também para fazer ostentação pública das ideias livres-pensadoras que abalaram o jugo das religiões positivas.

Tudo isso significa o enterro civil que solenizamos, honrando a memória do infatigável propagandista do Espiritismo e benfeitor da humanidade, nosso irmão de crenças José Maria Fernández, cuja modéstia o torna mais credor desse testemunho do nosso apreço.

Mas o ato que realizamos tem ainda outro significado mais alto, que é mostrar os efeitos dessa crença racional e reconfortante que apaga a palavra morte para substituí-la pela de transformação.

É por isso que não nos despedimos para sempre de Fernández, mas dizemos:

Até breve, querido irmão.

Agradecemos, em nome da família de Fernández, da redação da *Revista* e dos Centros Espíritas de Barcelona, a todos aqueles que com sua presença contribuíram para solenizar o evento, e fizemos votos de quando voltássemos a comemorar o aniversário do acontecimento, seria diante do monumento erguido naquele local para memória do querido irmão e apóstolo do Espiritismo.

Perto da hora do crepúsculo vespertino, nos retiramos da mansão onde os envoltórios carnais são depositados, abandonados como vestido usado e imprestável para o espírito que continua a viver; e nos retiramos sem pranto nos olhos ou luto no coração, apesar do entranhado afeto por Fernández, porque sabíamos que com aquele crepúsculo coincidia o amanhecer de um dia luminoso para o espírito, que em sua nova e fluídica veste havia participado do funeral, contemplando a imagem que oferecia o testemunho consagrado de memória afetuosa, respeito e gratidão.

Os membros do *Centro Barcelonês de Estudos Psicológicos* foram para suas instalações na Rua de Las Beatas, onde deviam realizar a sessão ordinária de todos os domingos, e lá também fomos, vendo-nos agradavelmente surpresos com a comunicação dada pelo médium daquele Centro, sobre os fenômenos espíritas, com alusões, muito claras para nós, sobre aqueles obtidos no Grupo Marietta, embora sem mencionar seu nome. Houve de chamar nossa atenção e nos causar grande surpresa a absoluta conformidade das ideias que o médium apresentava, com a opinião de Fernández, que também era nossa, referindo-se à fenomenalidade espírita em geral e, em particular, ao que obtivemos em nosso Grupo. No entanto, nada de estranho tinha essa conformidade, porque, como nos disseram mais tarde, foi o espírito de Fernández quem se comunicou e de cuja presença no cemitério fomos informados pelos médiuns que estavam entre os participantes.

Na sessão do domingo seguinte deu ele, no mencionado Centro, outra

comunicação muito notável, segundo nos disseram, impregnada de doutrina e ao mesmo tempo aludindo às circunstâncias atuais, aconselhando o que deveria ser feito para a promoção do Espiritismo em Barcelona e o progressivo andamento da propaganda, a fim de aproveitar os eventos que tiveram tanta ressonância e a unanimidade de miras que parece estar despertando em todos, respondendo ao que já é uma necessidade que é imposta aos espíritas: a união de todos para fazer mais frutíferos os trabalhos de cada um, ou seja, os princípios de solidariedade e organização proclamados pelo Congresso.

Temos notícias de outras comunicações do espírito de Fernández, recebidas em vários Centros. Qualquer que seja o grau de autenticidade, se elas contiverem uma sã doutrina, devem ser aceitas pelos nossos irmãos, depois de submetê-las ao crivo da razão, porque as assinaturas pouco ou nada significam, se o conteúdo das comunicações é bom, como Allan Kardec nos ensinou e como Fernández sempre pregava.

* * *

Bem merece ele ter, no novo cemitério de Barcelona, como Kardec tem no Pere Lachaise, em Paris, um monumento como testemunho de simpatia e gratidão dos espíritas espanhóis e americanos que falam a nossa língua, para honrar a memória daquele que mais fez circular os ensinamentos do Espiritismo na língua de Cervantes.

Não se trata mais do homem, mas do apóstolo da doutrina na Espanha; não é fausto ou ostentação que desejamos, mas lembrança e gratidão; um monumento singelo como a doutrina e como o homem que ali a simbolizara. Está em nossa dignidade e é dever dos espíritas erigir esse modesto mausoléu para perpetuar a memória de Fernández.

Espírito do íntimo amigo, do respeitável irmão e sábio conselheiro: das colunas da sua amada Revista, para a qual devo sempre olhar como se fosse de minha criação, repito a despedida que lhe dei no cemitério: "Até breve".

Barcelona, 12 de dezembro de 1888

Vizconde de Torres-Solanot

Revista Espiritista - Periódico de Estudios Psicológicos – Diciembre de 1888



Autores Espíritos Clássicos



www.luzespírita.org.br